

O discurso no Twitter, efeitos de extermínio em rede
The discourse on Twitter, extermination effects in net

Vivian Lemes Moreira*
Lucília Maria Sousa Romão**

Resumo

Os ambientes colaborativos, como os sistemas de microblogging, transformaram-se em lugares discursivos onde o sujeito pode inscrever suas marcas e colocar em movimento e em circulação a produção de sentidos desdobráveis e fluidos sobre si e sobre o mundo. Nesse trabalho, intentamos discutir à luz da teoria da Análise do Discurso de matriz francesa, os efeitos de sentidos fissurados por diferentes regiões da memória nos dizeres xenofóbicos postados pelos sujeitos no microblogging *Twitter*.

Palavras-chave: Discurso; sujeito; xenofobia; twitter; rede eletrônica.

Abstract

The collaborative systems, such as microblogging, became discursive places where the subject can register their marks and set in movement the production of fluids senses about themselves and the world. In this paper, we intend to discuss, in the light of the theoretical French Discourse Analysis, the effects senses by different regions of memory in the xenophobic sayings, posts by the subjects on Twitter microblogging system.

Keywords: Discourse; subject; xenophobia; twitter; Internet.

* Bacharel em Ciências da Informação e Documentação FFCLRP/USP. Mestranda do programa de Pós-graduação em Psicologia FFCLRP/USP, bolsista CAPES. Pesquisadora do E-I@adis, Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). E-mail: viviannlk@gmail.com. Endereço: Avenida dos Bandeirantes, 3900- Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

** Livre-Docente em Ciências da Informação e da Documentação; Profa do Curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e Programa de Pós-Graduação em Psicologia, ambos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCAR. Coordenadora do E-I@adis, Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Bolsista CNPQ. E-mail: luciliamsr@uol.com.br. Endereço: Avenida dos Bandeirantes, 3900- Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

Introdução

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras.– Clarice Lispector¹

Com o aumento da tecnologia a serviço da comunicação, o fácil acesso da sociedade a grandes quantidades de informação vem crescendo de forma incalculável, e pode-se inferir que grande parte desse fácil acesso foi alavancado pelo surgimento e explosão da Internet. Segundo Wurman (1991, p.312): “A explosão da informação não ocorreu apenas devido a um volume maior de informação. Avanços na tecnologia de transmissão e de armazenamento também influem. Somos afetados tanto pelo fluxo quanto pela produção de informação”. Dessa forma, a Internet é o aparato das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC’s), que obteve uma grande influência em relação ao fluxo e produção das informações. Falar sobre a rede eletrônica implica considerar as condições de produção de uma nova discursividade afetada e mediada pela tecnologia, sustentada por um imaginário de interação e acessibilidade infinita; calcada pela convergência das mídias e constituída pela voz do sujeito-navegador, entendido aqui como posição no discurso (PÊCHEUX, 1990).

A abertura aos processos de convergência midiática, de acordo Jenkins (2009), seguem além das trocas de informação e da interação entre os diferentes dispositivos midiáticos existentes e da então chamada “convergência” enunciada por muitos, sobre o fato de um celular e ou um computador poder agregar vários dispositivos tecnológicos e midiáticos. Um exemplo disso é o celular que agrega rádio, TV, câmera digital e player de músicas, e a Internet que disponibiliza *videocasts* e webrádios. Ainda segundo o autor, tal processo configura-se pela interação do sujeito com os diversos dispositivos tecnológicos e midiáticos; acrescentamos que temos, nessa convergência, o início da abertura para outras discursividades, permitindo, assim, a assunção de outra forma de subjetividade. Temos então:

[...] fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, á cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação,

¹ LISPECTOR, C. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Rocco, 1999.

que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 29).

Desse modo, o sujeito traça suas rotas de dizer costurando e emendando velhos e(m) novos sentidos, construindo e compartilhando novos arquivos. Assim, a convergência de que estamos tratando aqui, é configurada pela “convergência dos meios de comunicação, da cultura participativa e inteligência coletiva” (JENKINS, 2009, p. 29). Trata-se então de uma comunicação interativa evidenciada cada vez mais através das ferramentas das redes sociais na rede eletrônica, passando a influenciar (in)diretamente em diversos outros processos, práticas e discursos na sociedade, quais seja, na sociedade on-line e na off-line. Um exemplo seria o microblog *Twitter*², onde constantemente seus navegadores promovem mobilizações sociais através dos conteúdos altamente disseminados no sistema, influenciando até na produção e circulação das informações na mídia impressa e televisiva e produzindo efeitos fora do espaço virtual.

Ao mobilizar o referencial teórico da Análise do Discurso de filiação francesa, temos como intento analisar os efeitos heterogêneos de sentidos fissurados por diferentes regiões da memória no microblog *Twitter*, e as condições de produção em que se dão as práticas sociais na ferramenta do referido sistema de microblogging, especialmente em relação a dizeres que circularam em outubro de 2010, período da eleição da primeira presidente brasileira. Em nosso corpus, identificamos sentidos de xenofobia contra os nordestinos, marcando, na ordem da língua, deslizamentos instaurados a partir de fragmentos deixados pelos sujeitos-navegadores no referido site.

Uma teoria sobre os sentidos em rede

Não se conta tudo porque o tudo é um oco nada. – Clarice Lispector³

A Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux no ano de 1969 com a publicação dos estudos “Por uma análise automática do discurso”, fundou-se sobre três importantes pilares: os estudos da lingüística de Ferdinand Saussure, o materialismo histórico de Marx pensado por Althusser, da psicanálise de Freud reordenada pelas leituras de Lacan. Discurso, nesse referencial, deve ser tomado como efeito de sentidos,

² <http://twitter.com/>

³ LISPECTOR, C. Felicidade clandestina. Contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

algo que não se confunde com um conteúdo sustentado por um indivíduo, nem mesmo como uma simples decodificação de um texto, sob a forma de um esquema de comunicação fechado e estanque. Por isso, a AD concebe a linguagem como uma relação entre sujeitos e sentidos, e sobre a sua relação com a história, problematizando as formas de leitura e a inscrição histórica das palavras. Considerando a opacidade como um fator inerente à linguagem, as palavras estão sempre passíveis de serem ressignificadas, pois elas não se enquadram em um esquema fechado, “têm suas fronteiras flexíveis e porosas, são passíveis de jogo e inscrevem-se de modo sempre imprevisível dependendo das condições históricas e das posições-sujeito” (MOREIRA; ROMÃO, 2009, p.10).

Nesse trabalho, enfocaremos noções teóricas fundamentais para a análise do nosso objeto – a discursividade no Twitter –, quais sejam: sujeito, memória, ideologia e heterogeneidade. A noção de sujeito é de grande importância para os estudos discursivos, pois ele é tido como uma peça chave para a compreensão do funcionamento da linguagem. Sujeito é entendido, não como o sujeito empírico, ser humano individualizado, passível de generalizações ou categorizações, mas sim como sujeito de/à linguagem, ou seja, como uma posição no discurso (PÊCHEUX, 1969). Assim tomamos o sujeito discursivo não como um ser empírico, biológico, sociológico ou psicologizado, mas sim como posição no discurso sempre inserida em um dado contexto sócio-histórico. Tal noção de sujeito marca um tom inaugural no campo lingüístico, visto que o sujeito sempre ocupa um lugar de dizer, que não é rígido e implica um processo de captura pela ideologia e pelo inconsciente. Longe de ser homogêneo, o sujeito é dividido, clivado e esgarçado por sentidos heterogêneos, está sempre sendo atravessado por vários dizeres em uma tensa e permanente relação com as palavras, com o outro e com os discursos já ditos antes.

É bem por isso que a teoria discursiva considera a memória como condição de todo dizer, ela engloba os já-ditos e sentidos que já circularam em outros contextos históricos, de modo a sustentar a malha de sentidos já ditos e até mesmo aqueles já esquecidos ou impossíveis de dizer, malha esta que determina a emergência dos discursos. Ao transpor esse conceito para a rede eletrônica, podemos dizer que a memória funciona como uma superfície do dizível na rede a garantir os nós, os *links*, os pontos inesgotáveis de dizeres do sujeito.

[...] temos que é a memória que possibilita as condições de legibilidade do dizer, pois as palavras não se significam por si mesmas, mas sempre pelo movimento construído socialmente a partir

da relação delas com o poder. Sendo assim, entendemos que o conceito de memória corresponde às zonas do já-lá que são recortadas pelos sujeitos no momento da constituição do discurso. (FERRAREZI, 2010, p. 33).

A memória discursiva soma-se ao trabalho da ideologia que, para a AD, é uma condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos, tendo em vista que o sujeito está sempre sendo interpelado por ela, fígado a escolher certas palavras e não outras. Ela é a responsável pela produção de evidências que colocam o sujeito em relação imaginária com as suas próprias condições históricas de existência, fazendo parecer que não existam outros modos de dizer algo. De acordo com Orlandi (1999, p. 15), “assim considerada, a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido da refração, do efeito imaginário de um sobre o outro”. Ela funciona como um mecanismo naturalizador de sentidos para o sujeito, assim, ele ao enunciar uma palavra, certos sentidos são evidenciados em detrimento de outros considerados indesejáveis. Essa produção de evidências determina o que “pode” e “deve” ser dito, a partir de uma posição numa dada conjuntura (PÊCHEUX, 1997); ocorre que uma formação discursiva é também heterogênea, enfeixada por fragmentos discursivos diversos, que vão se (re)montando, “na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar” (PÊCHEUX, op.cit., p.314). Isso nos permite inferir que, dentro dessa perspectiva, a concepção de que a heterogeneidade comparece como constitutiva do discurso, do sujeito e do sentido, já que o jogo de dizer sempre conta com o imprevisível.

De acordo com a teoria discursiva, consideramos que o sujeito, longe de ser homogêneo, está sempre enunciando a partir de outros dizeres, e é atravessado por sentidos emprestados de diferentes formações discursivas e instala-se “tensa e permanentemente em palavras que não são suas, posto que já ditas por outrem” (MOREIRA; ROMÃO, 2008, p.4). Authier-Revuz (1992) classifica essa condição de heterogeneidade em dois tipos, quais sejam, a constitutiva e a mostrada; a primeira é caracterizada quando o discurso constitui-se na/pela presença de outros discursos, porém de uma forma implícita, ou seja, quando não é marcada a voz do outro; dessa forma, ela sustenta-se na superfície da memória e do interdiscurso. A heterogeneidade de forma mostrada é caracterizada quando se faz referência à presença de um outro no discurso; e podem existir duas formas desse tipo de heterogeneidade mostrada: a forma marcada e não-marcada. Ainda segundo a autora, a forma marcada pode ser realizada

através de citações de forma direta no texto, como exemplo, o emprego de aspas, negrito, itálico na escrita, e também através das marcas de conotação autonímica. As formas de heterogeneidade mostrada não-marcada caracterizam-se pela maneira com a qual o enunciador faz alusão a um co-enunciador, diluindo a fala do outro na sua fala, emendando as fronteiras entre a sua e a outra voz.

Tendo em vista os conceitos apresentados até aqui, avançaremos agora na direção de estabelecer um diálogo com uma reflexão sobre o digital, investigando como o sujeito-navegador produz dizeres no *Twitter* e atribui sentidos sobre a xenofobia na Web.

Microblogs e Twitter: emaranhados de dizer em espiral

É que o mundo de fora também tem o seu ‘dentro’, daí a pergunta, daí os equívocos. O mundo de fora também é íntimo. Quem o trata com cerimônia e não o mistura a si mesmo não o vive, e é quem realmente o considera ‘estranho’ e ‘de fora’. A palavra ‘dicotomia’ é uma das mais secas do dicionário. – Clarice Lispector⁴

Nos últimos anos, o número de pessoas conectadas à rede mundial de computadores (Internet) tem crescido de forma vertiginosa e, conseqüentemente, a utilização das redes sociais virtuais tem ganhado seus dias de fama. Com isso, o cotidiano de muitos sujeitos-navegadores passou a ser discursivizado na rede com o efeito de relatar experiências pessoais, trocar e divulgar informações de uma localidade ou comunidades específicas, fazer falar posicionamentos sobre temas cotidianos e ainda estabelecer laços afetivos. Os microblogs são exemplo disso. Apresentam como traço a particularidade de colocar em circulação dizeres simples e curtos, desenhados pela rápida e curta troca de formulações que a todo momento são atualizadas e com acesso que pode ser realizado por diferentes suportes e dispositivos tecnológicos.

Podem ainda ser definidos como um pequeno blog em que um dizer é atualizado frequentemente, replicado, retornado a ser re-dito e estruturado por um pequeno número de caracteres, utilizando, na maioria das vezes, até mesmo pela limitação do espaço para a escrita. Inscrevem-se aí diversas abreviações e a linguagem passa a ter um funcionamento muito próximo do discurso da oralidade (GALLO, 1992);

⁴ LISPECTOR, C. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Rocco, 1999.

sendo estruturados em uma ordem cronológica inversa. Como analistas do discurso, vemos nesse traço de dizer com poucas letras a inscrição da temporalidade do on-line na própria língua, ou seja, o instante de um clique, de um toque na tela, de abertura e passagem a outro link e de apressamento da própria navegação dá-se a conhecer no Twitter pelo próprio modo de dizer, rápido, curto e apressado. Com o tempo comprimido, é preciso dizer o máximo com o menos de letra possível, fazendo falar o ritmo dos acessos cada vez mais ligeiros, agora instalados na ordem da língua. Do ponto de vista da AD, temos um espaço discursivo heterogêneo, em que o sujeito-navegador marca, pela inscrição da história na língua, seu modo de dizer telegráfico, atribui-se a si mesmo uma formulação descritiva como atrativo ao outro na rede e reclama, o tempo todo, a resposta de navegadores que podem segui-lo para continuar a alimentar o torvelinho de sua palavra.

Conectado a uma rede social, levando em conta que há uma interação social do/no sistema, é possível ao sujeito-navegador criar perfis pessoais e possuir uma lista de contatos a quem ele pode endereçar a sua voz e a quem pode seguir. De acordo com Java et al. (2007), microblogging é uma variação de blogging, sistema em que os internautas escrevem em pequenos *posts* para um tipo de blog com um conceito diferenciado, que subsequentemente é distribuído para seus amigos e outros leitores por meio de mensagem de texto, sistemas de mensagens instantâneas e email. Os sistemas de microblogging apareceram nos meados do ano de 2006, com o *Twitter*, e desde então tem crescido e se multiplicado, tornando-se uma efervescência na rede. A partir daí, surgiram também diversos outros sistemas, incluindo *Jaiku*⁵, *Pownce*⁶, *Plurk*⁷, entre outros, sendo o *Twitter* o mais popular dentre os sistemas citados (JAVA, FININ, SONG, & TESENG, 2007; MCFEDRIES, 2007). Esse formato promoveu a abertura aos processos de convergência tecnológica e midiática no qual o sujeito passa a interagir através dos diversos dispositivos de forma instantânea, e reunir diversas informações provindas de diversos tantos outros lugares e transmiti-las de forma veloz e de modo desterritorializado. Assim, é possível postar mensagens instantâneas, disponibilizar links de arquivos, fotos, vídeos, e interagir com os outros internautas do sistema e, mais, consideramos que o sujeito tem a possibilidade de interagir com os sentidos de vários arquivos discursivos (PÊCHEUX, 1994) como campos de documentos sobre uma dada questão, ocupando a posição de escritor e leitor. Assim, ele pode acrescentar pequenos fragmentos de sua voz, produzindo outros efeitos de sentidos sobre as palavras que já

⁵ <http://www.jaiku.com/>

⁶ <http://pownce.com/>

⁷ <http://www.plurk.com/t/Brazil>

foram escritas, fazendo surgir uma teia onde vários fios já estão tecidos, mas podem ser reordenados, desarranjados e deslocados, repetindo, replicando e/ou repassando o que foi discursivizado em outra mensagem, marcando, assim, o caráter heterogêneo do dizer na rede e da própria constituição do sujeito.

Os sistemas de microblogging possuem como característica o enovelamento de várias vozes e de diversos tantos outros dizeres, constituídos em uma discursividade tida como aberta e participativa, ocasionada pelas ferramentas da Web 2.0. O conteúdo colaborativo no qual é calcada a Web 2.0 potencializou a criação e a distribuição de dados na Web, estes que passaram a ser realizados pelo sujeito-navegador, realçando ainda mais o caráter heterogêneo da rede. Segundo Primo (2007, p.21): “a Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática”. Isso implica considerar que os sites construídos nesse contexto possuem essa dependência da interação entre os navegadores e a necessidade de atualização de uma virtualidade na qual o discurso torna-se a marca da passagem dos sujeitos pelos incontáveis nós e furos que tecem a própria rede. Ou seja, estamos diante de uma discursividade que só se constitui com a presença de outro(s), de vozes que passaram, flanaram e deixaram pegadas de sua travessia, de rastros de dizer que continuam a produzir efeitos de ressonância. Tal condição dialoga com o que Chartier (2002, p.25) propõe a seguir:

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. Nesse processo, desaparece a atribuição dos textos ao nome de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica.

Dentro desse contexto de publicação rápida, coletiva e interativa, os sistemas de microblogs acabaram ganhando seu espaço e conquistando milhares de navegadores em seus sistemas, funcionando como um dispositivo muito eficiente na produção e na divulgação de notícias e acontecimentos sobre fatos ainda em curso. O *Twitter*, por exemplo, é uma ferramenta de microblogging (JAVA et al., 2007), que permite a troca de rápidas e curtas mensagens (conhecidas também por “*tweets*”) entre os navegadores de até 140 caracteres. Ele foi criado em março do ano de 2006, quando Jack Dorsey, @jack, trabalhava em uma empresa chamada *Odeo Inc.* localizada em South Park, São Francisco, EUA. A idéia surgiu quando a empresa atravessava por difíceis momentos,

devido à forte concorrência no mercado; assim, a diretoria propôs uma estratégia de “rebooting” e ou reinventar a empresa. A equipe de Dorsey, durante uma sessão de *brainstorming*, descreveu o serviço SMS (mensagens curtas por celular) que utilizava para se comunicar com pequenos grupos, com a seguinte frase “O que você está fazendo?”. O projeto original sofreu algumas modificações, inclusive no nome, este o qual inicialmente foi nomeado como “*twtr*”, inspirado também pela onda do website *Flickr* e pelo fato de que os SMS dos EUA tinham como padronização de códigos apenas cinco dígitos (ISRAEL, 2009). Após certas modificações, além da alteração do nome, o sistema foi ganhando forma e sua popularização veio a partir de março de 2007 e tornou-se o que conhecemos hoje.

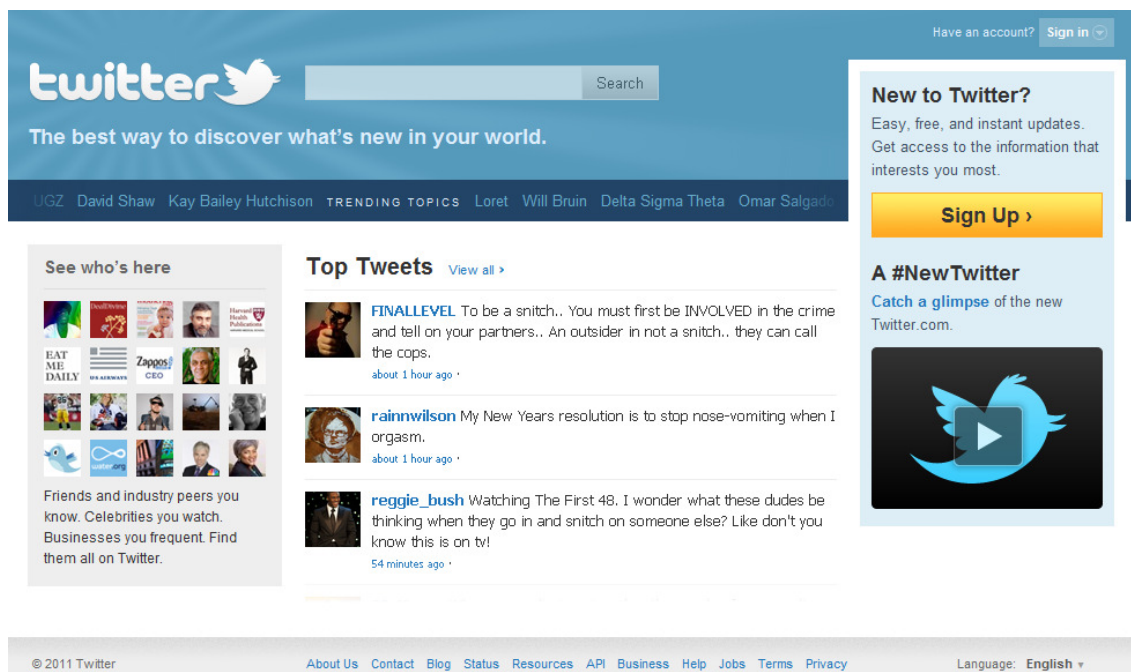


Figura 1: Página inicial do Twitter⁸

De acordo com a descrição do website do *Twitter*, ele é caracterizado como: “um serviço para amigos, família, e colegas de trabalho, para se comunicarem e estarem conectados na troca de rápidas e freqüentes perguntas á uma simples questão: O que você está fazendo?” (TWITTER, 2009). Em 140 caracteres ou menos, os sujeitos-navegadores partilham dados, perguntam e respondem a questões. Em um estudo (JAVA et al., 2007), foi constatado que a maior parte da comunicação dos navegadores do *Twitter* pode ser considerada pela tagarelice diária de trivialidades cotidianas, conversações, compartilhamento de informações e arquivos/URLs, e a disseminação de notícias. Os navegadores do *Twitter* postam suas contribuições através de *short message service* (SMS), *instant messenger* (IM), pelo website do *Twitter* na web, ou através de e-

⁸ <http://twitter.com/>

mail, telefone celular por Internet móvel ou por diversos outros aplicativos API (Interface de Aplicativos) do próprio sistema, o que garante em tese uma circulação imediata dos dados ali inseridos. Tudo isso faz com que o *Twitter* seja uma ferramenta de poderoso alcance e conveniência, “gerando um ambiente micro partilhado e controlado pela comunidade”⁹(DRAPEAU, p.1, 2009).

As interações no *Twitter* são realizadas a partir dos *tweets* escritos e enviados pelos navegadores, porém essa ação depende de quem o sujeito segue/“follow” (i.e., comunica-se) e de quem escolhe segui-lo/ follow you. Toda essa comunicação acontece em tempo real; dessa forma, a troca de mensagens é imediata, sendo a todo tempo atualizada.

Ainda que a ferramenta tenha constantemente sido apropriada para a difusão de informações, o caráter de rede social encontra-se presente, na medida em que essas informações são distribuídas para os seguidores, os quais podem se apropriar dessas informações e respondê-las ou “retwitá-las”, repassando-as para suas redes. Além de tornar públicas as conexões entre os usuários, portanto, o *Twitter* ainda permite que as trocas de informações entre os usuários possam ser acompanhadas, o que torna esse site de rede social propício para o estudo da difusão de informações. (RECUERO E ZAGO, 2010, p.71)

No Brasil, o *Twitter* é considerado um sucesso, virou motivo de investigação e ganhou inclusive uma matéria de grande repercussão na rede pela revista *Time*, como veremos agora. O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) em 2008, revelou a existência de 60 milhões de usuários de computadores no Brasil (38% da população) e 54 milhões de usuários de internet (34% da população); assim, o Brasil é considerado o sexto maior usuário mundial de Internet. O público internauta brasileiro faz-se presente em diversas ferramentas sociais e tudo levava a crer que com o *Twitter* não seria diferente. De acordo com a matéria publicada pela revista *Time*, um estudo publicado, em outubro de 2010 pela empresa de marketing digital *comScore*, constatou que 23% dos usuários de Internet no Brasil estão conectados ao *Twitter*, comparado com 11.9% nos EUA. A alta participação dos brasileiros no website chamou a atenção, cerca de 65% do tráfego no site, segundo a vice-presidente de vendas e marketing internacional do *Twitter*, Katie Stanton, os brasileiros têm se comportado com grande voracidade. A matéria conta com uma entrevista com o Professor James Green, da Brown University, que diz que o *Twitter* é um sucesso no Brasil. Ele contextualiza as ferramentas de mídia social e comenta sobre a influência da ditadura militar no país, a repressão da imprensa no período. Anota que agora, anos depois da censura e da repressão, a liberdade de

⁹ Termo original: “community-controlled microsharing environment” por Drapeau, 2009.

expressão tem sido utilizada de forma fervorosa pelos brasileiros nas ferramentas sociais; sem contar os programas de inclusão digital e a popularização da Internet. Embora a matéria tenha apontado poucos motivos para tal fenômeno e pouca profundidade nos efeitos dos dados, ela marca um modo de dizer sobre a revolução digital no nosso país e cabe ressaltar a receptividade dos navegadores brasileiros em relação a diversas tecnologias da informação e comunicação (TIC's).

Não nos alongaremos mais aqui por não ser o foco desse trabalho, mas destacamos que sujeitos-adolescentes brasileiros viram no *Twitter* uma maneira de estarem “mais próximos” de seus ídolos e de discursivizarem efeitos de sentidos sobre eles; isso porque diversos astros da televisão e da música adotaram o website e passaram a relatar seu cotidiano, dar informações sobre agenda de shows e interagir com seus fãs. Ao lado desse funcionamento discursivo de fã-clube eletrônico, outras redes de dizeres marcadas pelo preconceito, xenofobia e intolerância são desenhadas por sujeitos-adolescentes, que inscrevem efeitos de ódio, violência e crime na rede; nossa análise debruça-se sobre um desses casos.

Quando o dizer instala o efeito de extermínio

O que é um espelho? É o único material inventado que é natural. Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade consiste em ele ser vazio... esse alguém percebeu o seu mistério de coisa. – Clarice Lispector¹⁰

No dia da última eleição brasileira, 10 de outubro de 2010, diante da apuração das urnas do nordeste que davam a vitória para presidente Dilma Rousseff, foram disseminados, no *Twitter*, ataques e convites ao extermínio de nordestinos, culpabilizando-os pela continuidade do Partido dos Trabalhadores (PT) no governo federal. As mensagens foram postadas pela estudante de direito Mayara Petruso, de São Paulo, e geraram inúmeras replicagens no próprio sistema e para além dele. Muitas reportagens na mídia eletrônica, impressa e televisiva deram destaque ao acontecimento, noticiando, por exemplo, que a OAB-PE entrou com notícia-crime no Ministério Público Federal em São Paulo contra Mayara Petruso, por crimes de racismo e incitação pública de prática de crime. Nesse contexto, a palavra xenofobia apareceu com destaque; e segundo o dicionário Aurélio, esse significante pode ser definido como

¹⁰ LISPECTOR, C. *Água Viva*. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

aversão aos estrangeiros, forma de preconceito ou preocupação em relação a elementos estranhos a sua cultura e sua raça. De acordo com o site Safernet Brasil¹¹ (2011), que atua no combate a cibercrimes no país, a xenofobia é considerada:

uma Violação / Crimes contra os Direitos Humanos que consiste no ódio, aversão ou temor sem precedentes contra pessoas providas de outras culturas ou regiões geográficas diferentes das do criminoso que as considera minoria ou indignas de pertencer à mesma aglomeração social que ele.

Em geral, a xenofobia é colocada na rede por sujeitos membros de grupos políticos ou religiosos e “mesmo pressões exercidas pelo grupo social em que convivemos, com o qual tendemos a estar sempre em congruência (GOÉS, 2004), e são fonte de surgimento e afirmação do ódio” (STEFFEN, 2008, p. 16). Essas manifestações de ódio são realizadas através de circulação de discursos que incitam a violência e valorizam uma cultura, raça, posição social e os valores de seu grupo social, em detrimento de outros grupos, “ao mesmo tempo em que pregará um afastamento ou mesmo argumentará a necessidade de subjugar o outro” (STEFFEN, op.cit., p.34). A partir de agora, verificaremos os movimentos dos sujeitos-navegadores, que passam a discursivizar efeitos de sentido sobre xenofobia a partir de “*tweets*” sobre o ataque a nordestinos. Acompanhamos as postagens dessas mensagens no dia de sua circulação e nos cinco dias seguintes; nesse período coletamos os dados e constituímos nosso corpus de análise, destacando que, por uma escolha pessoal, preferimos retirar o nome e a fotografia dos autores das mensagens. Destacamos, no entanto, o quanto nos assusta que ordens de morte e dizeres de preconceito possam ser discursivizados, na rede, com indícios de identificação dos sujeitos como se existisse, na trama digital, uma blindagem segura para que eles pudessem estar protegidos e desimplicados juridicamente pelos seus ditos. Vamos ao corpus.

Nordestista não é gente, faça um favor a Sp, mate um nordestino afogado!

2 hours ago via web ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Figura 2: Tweet 1¹²

¹¹ <http://www.safernet.org.br/site/prevencao/glossarios/direitos-humanos#xeno>. Acesso em Jan. 2011.

Faça um favor para o nosso país: mate um nordestino!

1 Nov via web ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Figura 3: Tweet 2¹³

nordestinos queridos, façam um favor para o país, MORRAM

31 Oct via web ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Figura 4: Tweet 3¹⁴

O imperativo de morte está posto na ordem da língua com o pedido de “faça um favor”; sob o efeito de uma formulação que implica gentileza nas trocas linguageiras, o que os sujeitos colocam em discurso é que “mate um nordestino”. O que está posto de início é uma relação de assimetria entre posições nos seguintes termos: o que fala não é nordestino e o que deve ser alvo de morte o é, ou também, o que fala é de “Sp” e o que deve ser morto é do “nordeste”. Imaginariamente o outro não é considerado um igual ou um cidadão com os mesmos direitos assegurados pela Constituição do país, mas é designado pela condição de “nordestino”, algo que nesses recortes inscreve a condição de “não ser gente”. Pelo acesso à memória discursiva, temos muitos sentidos atribuídos ao nordeste brasileiro, dentre eles, a condição de seca e difícil vida do povo que ali vive, a exploração sócio-historicamente constituída de trabalhadores e o sufocamento de manifestações populares de reivindicação, além da genuidade cultural rica e diversificada. Todos esses sentidos são silenciados como veremos em todos os recortes desse corpus e, em lugar deles, emerge outra condição, a de não ser “gente”.

Vemos, na formulação “nordestino não é gente”, algo que irrompe e fura o reconhecimento do outro como cidadão no âmbito do Estado de Direito, algo que já se coloca no eixo fora-da-lei, o que marca um dizer que está circunstanciado a um dizer

¹² Essa foi a primeira mensagem twittada que desenrolou a necessidade de dizer de outros sujeitos. Data: 31/10/10 - <http://twitter.com/>.

¹³ <http://twitter.com/> . Data: 31/10/10

¹⁴ <http://twitter.com/> . Data: 31/10/10

desenhado por uma posição-sujeito de “Sp”. A fissura aqui distancia o efeito de unidade nacional e de legitimidade jurídica, fazendo falar a morte como autorizada e aceita, como ato a ser colocado em prática já que a formulação “mate um nordestino afogado” se repete. Percebemos um efeito metonímico aqui que faz escorregar os efeitos de extermínio de nordestinos como um favor a ser feito para “Sp” e, depois, para todo o “nosso país”; assim, nesses dizeres, o Estado considerado rico e desenvolvido, ao qual se atribui o par contrário de nordeste, é modelo para todo o país, o que exclui a possibilidade de convivência com o diferente.

Nesses recortes, matar outro ser humano não é dito crime como é regularizado pelo discurso dominante da lei, mas como um “favor” a ser feito em prol de um estado, de um país ou do capricho de um grupo de sujeitos-navegadores, o que marcamos como um funcionamento discursivo cínico. Igualmente assim consideramos o dizer endereçado aos próprios “queridos nordestinos (...) morram”, já que a marca “queridos” é geralmente mobilizada em dizeres de reconhecimento afetivo e aqui funciona discursivamente de modo a colorir o cinismo de convocar o outro à própria morte. Morte que continua a ser replicada em outras twittadas. Anotamos que, nestes e nos recortes subseqüentes, o sujeito-internauta tem a ilusão de tudo poder postar, de estar protegido pelo anonimato e por uma espécie de blindagem do digital. Tais elementos sustentam uma relação imaginária de liberdade e de poder dizer qualquer coisa sem as conseqüências pela palavra.

MORRAM NA MERDA SEUS
NORDESTINOS DO INFERNO!

31 Oct via web ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Figura 5: Tweet 4¹⁵

MORRAM DE SEDE E DE FOME
NORDESTINOS BURROS DO
%\$^#%@\$% #Impeachment

31 Oct via web ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Figura 6: Tweet 5¹⁶

¹⁵ <http://twitter.com/> . Data: 31/10/10

O efeito de morte continua a fazer girar as postagens em ordens de extermínio de nordestinos, aqui nomeados como “do inferno”, o que reclama considerar a memória discursiva tão retomada em um país de forte tradição católica como o nosso. Ser do inferno é um atributo que coloca o outro em uma posição para a qual a perseguição funciona como legitimada e aceita, quiçá necessária. Só a título de passagem, podemos lembrar todas as espécies de guerra santa que fazem falar um grupo, etnia ou comunidade como alvo de perseguição; assim, os nordestinos são designados ao modo de satãs que precisam ser executados. E também como “burros do %\$#@\$\$%”, o que marca outra forma de o sujeito vangloriar-se de uma imaginária inteligência em contraste ao que ele desqualifica por meio de uma generalização perigosa de não-inteligência que seria inata aos nordestinos; o jogo de posições-sujeito, dado pelas marcas já analisadas nas sequências discursivas anteriores (eu versus o outro, paulista versus nordestino, Sp versus nordeste), aqui desliza para outras regiões de sentidos, quais sejam, ser de deus ou de satã, ser inteligente ou não. Observamos que esse funcionamento discursivo vai tecendo, a cada twittada, um ponto a mais para justificar o extermínio do outro e discursivizando modos de produzir efeitos sobre o que seria a legitimidade de uma prática de morte, deslocada de todas as implicações de crime que ela en(t)erra.

Ainda no recorte acima, chama a nossa atenção os significantes “sede e fome”, pelo fato de discursivamente darem suporte ao desejo de morte dos nordestinos. O sujeito, pelo efeito ideológico de evidência, esquece e silencia a fome e a seca como ícones da estrutura sociohistoricamente construída, desde o período colonial, de exploração dos recursos naturais e de expropriação de massas trabalhadoras, apaga qualquer outra possibilidade de compreensão da conjuntura política que sustenta a inscrição da sede e fome no âmbito social. Reduz-se, assim, todo dizer ao sentido de um desejo de morte endereçado ao outro, já definido como em falta, em déficit, em dívida por vários traços. Vale anotar que movimento de repetição engolfa os sujeitos, alimentando-os a dizer do mesmo lugar, reforçar a mesma posição e fazer cristalizar os mesmos sentidos, algo que a própria rede facilita pela velocidade com que é possível postar e ver o seu comentário em circulação. Esse traço do on-line, do tempo do instante e do apressamento de dizer produz uma espécie de hipnose e o sujeito se vê engolido pela obrigação de dizer algo, de se posicionar, de responder ao(s) outro(s) muitas vezes sem o tempo de pausa que toda interpretação reclama.

¹⁶ <http://twitter.com/> . Data: 31/10/10

O **#nordeste** é um lugar onde nós, pessoas brancas de classe média alta, vamos fazer turismo sexual comendo umas baianinhas vagabundas. **#FATO**

1 Nov via [TweetDeck](#) ☆ [Favorite](#) ↻ [Retweet](#) ↩ [Reply](#)

Figura 7: Tweet 6¹⁷

Aqui temos a formulação afirmativa no melhor estilo de uma definição, posto que o sujeito enuncia “nordeste é um lugar onde...”, fazendo falar o efeito de explicitação de uma geografia (“onde”) novamente marcada pelo contraste entre dois lugares discursivos assimetricamente traçados, isto é, o “nós” e as “baianinhas vagabundas”. Reestrutura-se o novelo de o-posições, mantendo o mesmo efeito de assimetria já anotado nos recortes anteriores, em que o “nós” é do sudeste e ocupa uma posição de suposta superioridade em relação ao outro que deve ser humilhado e achincalhado. A desqualificação do outro comparece de modo explícito, o nordestino não pode ocupar a posição de “pessoas de classe média alta”, o que marca, uma vez mais, efeitos de preconceito e generalização de modo a inscrever que todo nordestino é pobre e que toda mulher nordestina é “baianinhas vagabundas”. Chama a nossa atenção o modo como esse significante – vagabunda – já foi usado para desmerecer e desautorizar de legitimidade as mulheres, ou seja, tornando-as responsáveis pela sua condição, escolha e ato de dar-se facilmente ao outro. Nesse caso, tal adjetivo funciona discursivamente de modo a atrelar esse traço a uma condição de nascença e de pertencimento a uma região do país, no caso, Bahia. Assim, fica simetrizado que toda baiana é vagabunda, formulação que imaginariamente produz a impossibilidade de furo e de ruptura do campo desse sentido. O discurso autoritário aqui impede que outros sentidos circulem.

Assim, o único elo entre essas duas posições seria o turismo sexual, aos primeiros cabendo o lugar de quem compra, “come” e consome e, aos segundos, o fornecimento de femininos corpos para a vagabundagem. Isso silencia toda e qualquer outra forma de discursivizar os nordestinos, falados apenas na posição de matéria de prostituição. Silenciam-se tradições de saberes populares, manifestações culturais com

¹⁷ <http://twitter.com/> . Data: 31/10/10

seus pensadores, poetas, músicos, artistas plásticos, trovadores, cordelistas, mulheres representativas do pensamento brasileiro etc. O que fica atribuído ao outro nordestino é, uma vez mais, o lugar da falta que faz falar a legitimação do extermínio.

"so hitler acaba com a raça dos petistas..
construindo camara de gas no nordeste
matando geral.."

31 Oct via TweetDeck ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Figura 8: Tweet 7¹⁸

Pelo acesso à memória discursiva, “Hitler” é um significante que inscreve os efeitos de nazismo e extermínio em sessões coletivas de tortura e execução sumária de judeus. Judeu, homossexual, cigano entraram, como alvos preferenciais, na ciranda de violência inominável como o outro a ser destruído sem direito a voz ou a resistência política. Aqui os sentidos escorregam de outro lugar em que já foram ditos, falados e socialmente inscritos, movem-se para produzir rearranjos de outros fios de dizer, no caso, colocando os nordestinos nesse mesmo lugar imaginário. Nesse recorte, o efeito nazista de exterminar o outro em massa está posto, endereçando aos “petistas” e depois aos nordestinos com mesma forma de simbolização, que outrora fora empregada em relação aos judeus. A associação “petistas-nordeste” aparece aqui como uma equação fechada sem furos ou sem margens a outros gestos de leitura, no que indagamos se não haveria petistas em São Paulo, por exemplo, ou simpatizantes de outras siglas partidárias no nordeste. O sujeito toma as palavras alheias como suas e, pelo efeito da ideologia, não se lembra de que todo dizer é esburacado e pode vir a ser diferente. Ao enunciar “câmaras de gás”, inscreve o efeito de extermínio e atualiza uma cena européia de terror vigente a partir dos anos 30 do século passado para o contexto brasileiro atual especialmente o nordestino; a ordem agora diz respeito ao “matando geral”, que instala discursivamente um imperativo de convocação fazendo girar os sentidos já falados de/sobre nordestino nos recortes anteriores. Observamos que é assim que o *Twitter* funciona de maneira a fazer replicar, continuar a dizer, acrescentar algo ao post já colocado em rede.

¹⁸ <http://twitter.com/> . Data: 31/10/10

Dividam o Brasil no meio, me nego a ser
da mesma nação dos nordestinos.

#oposicao

1 Nov via web ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Figura 9: Tweet 8¹⁹

O que marca esse recorte não é o imperativo da morte física inscrita pelo movimento de extermínio, mas um deslocamento para a negação de pertencimento. Não fazer parte “da mesma nação” é o que se coloca em discurso pela posição-sujeito implicada pelo efeito separatista. Não ser igual, não estar com a mesma nomeação de nacionalidade, não ser igual ao nordestino: tudo isso implica considerar “a nação dos nordestinos” como não-igual, não-reconhecida e não-respeitada. Trata-se de outra forma de falar da morte, no caso, morte do reconhecimento da igualdade de direitos e deveres iguais para todos e, finalmente, morte do outro como brasileiro.

Considerações finais:

O que me atormenta é que tudo é 'por
enquanto', nada é 'sempre' – Clarice
Lispector²⁰

Ao longo desse trabalho, discutimos alguns conceitos da teoria discursiva, especialmente as noções de sujeito, ideologia, memória e heterogeneidade para entrelaçá-las ao que consideramos ser a Internet, um espaço discursivo em que sujeitos e sentidos constituem-se a partir do permanente jogo de repetições e deslocamentos. O movimento de dizer no on-line está sempre em fluxo e em curso e, no caso do *Twitter*, inaugurando uma trama de particularidades, quais sejam: pertencer a uma rede social, dizer a partir do que o outro já disse, manter-se em relação a palavras que estão sendo publicizadas no momento da enunciação e deixar a língua em estado de encurtamento.

Nosso corpus foi escolhido porque causou-nos profundo incômodo e grande indignação escutar dizeres de extermínio em relação a nordestinos por três motivos

¹⁹ <http://twitter.com/> . Data: 31/10/10

²⁰ LISPECTOR, C. A paixão segundo GH São Paulo: Rocco, 1998.

principais: i. porque o efeito do direito à vida nos parece o ponto primeiro de qualquer sociedade que se pretenda digna; ii. porque dizeres como os que analisamos aqui desconsideram e silenciam a importância cultural, o patrimônio histórico e a relevância econômica e social de uma parte do nosso país; iii. porque o dizer de sujeitos-nordestinos traz em seu corpo vestígios de criação que são legítimos e merecem ser escutados.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade Mostrada e Heterogeneidade Constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*. In: Fala Múltipla - Aspecto Retórico, Lógico, Enunciativo e Dialógico. Revue de Linguistique. Centre de Recherche De l' Université de Paris VIII. Paris, 1982.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Editora da Unesp. São Paulo: 2002.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). Disponível em: <http://www.cgi.br/>. Acesso em: maio de 2010.

DRAPEAU, M. D. *What is Twitter's Vision?*. Retrieved February 2, 2008, Disponível em: <http://mashable.com/2009/02/02/what-is-twitthers-vision/>. Acesso em março de 2010.

FERNANDES, C. A. *Análise do Discurso: Reflexões introdutórias*. Goiânia, GO: Trilhas Urbanas, 2005.

FERRAREZI, L. *A biblioteca escolar nas teias do discurso eletrônico*. (Dissertação de mestrado)- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

GALLO, S. L. *Discurso da escrita e ensino*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

ISRAEL, S. *A Era da Twitter*. São Paulo, SP: Campus, 2009.

JAVA, A.; SONG, X.; FININ, T.; TSENG, B. 2007. *Why we twitter: Understanding microblogging usage and communities*. In: WEBKDD, 2007, 9, San Jose, 2007. Anais... San Jose. Disponível em: <http://ebiquity.umbc.edu/get/a/publication/369.pdf>. Acesso em abril de 2010.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo, Aleph, 2009.

MCFEDRIES, P. *Technically Speaking: All A-Twitter*. IEEE Spectrum, Vol. 44, No. 10, 2007.

MOREIRA, V. L.; ROMAO, L. M. S. *Weblog, a inscrição da heterogeneidade e do sujeito na rede*. Linguagem, v. 2, p. 1-15, 2008. Disponível em:

http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02ai_vlmlmsr.php. Acesso em abril de 2009.

_____. *O funcionamento discursivo das nuvens de tags na rede eletrônica: sentidos sobre Capitolina*. Datagramazero, Rio de Janeiro, v. 10, 2009.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Pontes: Campinas, 1999.

PÊCHEUX, M. *Ler o Arquivo Hoje*, In: Gestos de Leitura, E. Orlandi (org.), Unicamp, Campinas. 1994.

_____. *Análise Automática do Discurso* (1969). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: SP. Editora da Unicamp, 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª ed. Editora da Unicamp. 1997.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3ª edição. Campinas, Pontes, 2002.

PRIMO, A. *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. E- Compós (Brasília), v.9, p. 1-21, 2007.

RECUERO, R; ZAGO, G. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* 12(2): 69-81, 2010.

STEFFEN, C. *Rastreamento e caracterização de movimentos de ódio na Internet em Português*. In: III Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2008. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IIImostra/ComunicacaoSocial/61698%20-%20CESAR%20STEFFEN.pdf>. Acesso em Janeiro de 2011.

TIME. *Why Is Twitter So Popular in Brazil?* Disponível em: <http://www.time.com/time/world/article/0,8599,2026442,00.html#ixzz1BOSlj2lc>. Acesso em outubro de 2010.

WURMAN, R. S. *Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão*. São Paulo: Cultura, 1991.

Data de Recebimento: 01/03/11

Data de Aprovação: 08/06/11

Para citar essa obra:

MOREIRA Vivian Lemes; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O discurso no Twitter, efeitos de extermínio em rede. RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 2 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70
Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo
13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>